



---

# O CORPO A PARTIR DA GINÁSTICA PARA TODOS: PRIMEIROS DEBATES COM O GRUPO CIGNUS

THE BODY FROM GYMNASTICS FOR ALL:  
FIRST DISCUSSIONS WITH A GROUP CIGNUS

EL CUERPO DEL GIMNASIA PARA TODOS:  
PRIMERAS DISCUSIONES CON EL GRUPO CIGNUS

Lohany Cristina do Nascimento Gomes  
Colégio Estadual de Posselândia, Guapó, Goiás, Brasil  
Email: lohanynascimento@gmail.com

Thiago Camargo Iwamoto  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil  
Email: thiagoiwamoto@outlook.com

Tadeu João Ribeiro Baptista  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil  
Email: tadeujrbaptista@yahoo.com.br

Michelle Ferreira de Oliveira  
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil  
Email: michelle.oliveira@ueg.br

## RESUMO

A Ginástica para Todos (GPT) é uma modalidade não competitiva reconhecida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). No Brasil, a proposta de Perez Gallardo e Souza (1996) tem sido difundida e vários grupos têm utilizado esse referencial como base para suas proposições: uma proposta democrática, onde qualquer pessoa pode participar. O objetivo do presente estudo é refletir sobre a concepção de corpo a partir de um grupo de GPT brasileiro. Para tanto, realizamos um estudo exploratório, com aplicação de questionário com 35 participantes por meio do Google Forms. Apreendemos que, os participantes percebem diferenças entre os corpos dos integrantes; conseguem vislumbrar algumas mudanças em seus próprios corpos; no entanto, salientamos que não há consenso entre os entrevistados sobre o conceito de corpo, uma vez que há diferentes contextos sociais e, inclusive, corporais entre os praticantes.

**Palavras-chave:** Corpo; Ginástica para Todos; Estética; Cultura Corporal.

## ABSTRACT

Gymnastics for All (GfA) is a non-competitive sport recognized by the International Gymnastics Federation (FIG). In Brazil, the proposal of Perez Gallardo and Souza (1996) has been widespread and several groups have been based on it: a democratic proposal, in which anyone can participate. The aim of the present study is to reflect on the conception of body from a group of Brazilian GfA. Therefore, we conducted a study descriptive questionnaire with 35 participants through Google Forms, with a questionnaire. We understand that participants perceive differences between the members' bodies; they can see some changes in their own bodies; However, we emphasize that there is no consensus among respondents about the concept of body, since there are different social and even body contexts among practitioners.

**Keywords:** Body; Gymnastics for All; Aesthetics; Body Culture.



## RESUMEN

La gimnasia para todos (GPT) es un deporte no competitivo reconocido por la Federación Internacional de Gimnasia (FIG). En Brasil, la propuesta de Perez Gallardo y Souza (1996) se ha extendido y varios grupos se han basado en ella: una propuesta democrática, en la que cualquiera puede participar. El objetivo del presente estudio es reflexionar sobre la concepción del cuerpo de un grupo de TEPT brasileño. Por lo tanto, realizamos un estudio descriptivo con 35 participantes a través de Formularios de Google, con un cuestionario. Entendemos que los participantes perciben diferencias entre los cuerpos de los miembros; pueden ver algunos cambios en sus propios cuerpos; Sin embargo, enfatizamos que no hay consenso entre los encuestados sobre el concepto de cuerpo, ya que existen diferentes contextos sociales e incluso corporales entre los profesionales.

**Palabras clave:** Cuerpo; Gimnasia para Todos; Estética; Cultura del Cuerpo.

## INICIANDO A COMPOSIÇÃO

O corpo é a expressão material/espiritual do ser humano na sua relação com a natureza e a cultura (BAPTISTA, 2013) e a Ginástica Para Todos (GPT) é uma forma de manifestação da cultura corporal que pode potencializar a relação de cada ser humano com a natureza, consigo e com as pessoas ao seu redor.

A GPT é uma modalidade predominantemente não competitiva reconhecida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) e tem como intuito mostrar uma prática que todos podem realizar e contribuir, de modo a desenvolver uma compreensão sobre as possibilidades do corpo, movimentos e, sobretudo, das possibilidades gímnicas (IWAMOTO et al., 2016).

O objetivo do presente texto é dialogar com os referenciais teóricos sobre corpo, suas concepções e relações sociais a partir de um grupo ginástico no Brasil, ou seja, a partir das experiências práticas do grupo ginástico Cignus.

O Grupo Cignus existe desde 2010, vinculado a Universidade Estadual de Goiás (UEG), via projeto de extensão por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Em 2017, pela necessidade de captação de recursos, o grupo também se organizou como Organização Não Governamental (OnG), atendendo, na atualidade, jovens adultos e idosos.

É a partir desse dado que iniciamos uma reflexão sobre o corpo na GPT a partir da experiência do grupo Cignus: que corpo é esse? Um corpo adulto, um corpo que vivenciou

práticas corporais como dança, ou até mesmo da ginástica, um corpo que não possui experiências em modalidades esportivas anteriores, um corpo alto, um corpo baixo, um corpo magro, um corpo acima do peso.

Vislumbrar as inúmeras possibilidades de corpo nos traz as seguintes questões: qualquer corpo realmente pode praticar GPT? O participante se sente integrado com seu próprio corpo e suas individualidades nessa modalidade ou se adequa à realidade, procurando se adaptar às condições sociais daquele grupo? A GPT privilegia o indivíduo por permitir se expressar, aprender e demonstrar na ginástica o que sabe expressar com o seu corpo?

No entanto, esse corpo, além das características psicobiológicas, também está imerso em diversos outros contextos que, por vezes, tornam-se explícitos na convivência cotidiana do grupo: o corpo construído por uma cultura industrial e que expressa seus conflitos em uma prática corporal que se predispõe a ser democrática e acessível a toda e qualquer pessoa. É a partir dessas construções e complexas relações estabelecidas em um grupo ginástico, que buscamos compreender e exprimir o significado do corpo na GPT para um coletivo situado na região central do país.

## NO BALANCEIO DOS CONCEITOS

Tal qual os balanceios (movimentos pendulares de vai e vem) presentes nos fundamentos da ginástica, buscamos



compreender os conceitos de GPT e de Corpo nessa mesma perspectiva: vislumbrando os conceitos e fundamentos dessa modalidade por um lado e, por outro, perspectivando as relações com o corpo, a partir dos conceitos presentes em alguns autores que marcaram este debate em

diferentes períodos históricos. Por uma questão de espaço, as referências vinculadas ao positivismo, à fenomenologia e ao materialismo dialético, serão apresentadas no quadro 1.

**Quadro 1** – Concepções de corpo de acordo com o Positivismo, a Fenomenologia e o Materialismo Dialético

Perspectiva	Concepção	Autor
Positivismo	Os seres vivos são necessariamente corpos, que [...], seguem sempre as leis mais gerais da ordem material, cuja preponderância imutável domina todos os fenômenos próprios deles [...].	COMTE, 1978, p. 434.
Fenomenologia	[...] se é verdade que tenho consciência do meu corpo através do mundo, que ele é no centro do mundo, [...] tenho consciência do mundo por meio de meu corpo.	MERLEAU-PONTY, 2011, p. 122.
Materialismo Dialético	<i>A vida genérica, tanto no homem quanto no animal, consiste fisicamente [...], nisto: que o homem (tal qual o animal) vive da natureza inorgânica, [...]. Fisicamente o homem vive somente destes produtos da natureza, possam eles aparecer na forma de alimento, aquecimento, vestuário, habitação etc. Praticamente, a universalidade do homem aparecer precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo inorgânico [...].</i>	MARX, 2010, p. 84. (Grifo do autor)

**Fonte:** construção dos autores.

Estas concepções foram escolhidas, porque, do ponto de vista das matrizes epistemológicas presentes no quadro 1, estes são os principais representantes. No positivismo, o seu criador, Auguste Comte, demonstra que o corpo finda nele mesmo e em suas dimensões biológicas, porque não dizer, animais.

Por outro lado, o principal representante no debate sobre o corpo na Fenomenologia, Maurice Merleau-Ponty, evidencia que o corpo e o mundo só se reconhecem um pelo outro. É na interação entre o corpo e o mundo que os mesmos dialogam e se tornam objetos para a consciência humana.

Por último, porém, não menos importante, a perspectiva marxista. Aqui, o autor alemão demonstra existir uma relação entre o corpo humano (corpo físico/orgânico) e a natureza (o corpo inorgânico do ser humano), sem a qual, os homens e mulheres não podem sobreviver, porquanto, a natureza é onde se encontra o alimento, o vestuário, a habitação, entre outros subsídios importantes para a existência humana.

Este corpo, seja qual for a sua concepção se mantém vivo e demonstra a sua relação com a natureza, através de suas atividades. Entre elas, a GPT é uma prática corporal que todos podem realizar, contribuir e apresentar uma melhor compreensão a respeito da ginástica (OLIVEIRA et al. 2017); tem caráter predominantemente demonstrativo e busca a inclusão e a participação de todos, permitindo a formação de grupos mistos e diversificados, sem distinção de idade, sexo, gênero, habilidades, desenvolvendo os potenciais de cada um dentro de suas próprias limitações. Sendo assim, é considerada uma ginástica demonstrativa, apesar de, desde 2007, também ser considerada um esporte (modalidade de competição), sem que esta seja a compreensão deste texto sobre a GPT. É uma modalidade reconhecida oficialmente pela FIG e seus objetivos e funções incluídos juntamente aos praticantes de todos os países.

No Brasil, vários grupos ginásticos têm se constituído a partir da concepção idealizada por Perez Gallardo e Souza (1996) onde a base se encontra na ginástica com a tessitura de diálogos



com a dança, teatro, artes cênicas, práticas circenses, entre outros. Tais áreas dão suporte para a consolidação da GPT, oportunizando um conjunto de informações para que seja reproduzido um cenário coreográfico que tenha como propositiva desenvolver uma temática.

Quer seja no conceito adotado pela FIG de “[...] que a modalidade oferece uma ampla gama de atividades e é de fato para todas as idades, habilidades, gêneros e culturas” (INTERNATIONAL GYMNASTICS FEDERATION, 2006 apud TOLEDO, TSUKAMOTO, GOUVEIA, 2009, p.28). Quanto no conceito adotado por Perez Gallardo e Souza (1996), o corpo ‘propício’ para a prática da modalidade é todo e qualquer que tenha o interesse/desejo de participar da atividade.

E, refletindo a partir dessa perspectiva, onde toda pessoa pode participar/praticar essa modalidade de ginástica, com destaque para ‘qualquer pessoa, de qualquer sexo, com qualquer idade’, nos traz elementos para reflexão sobre que corpo é esse presente na GPT.

Le Breton (2010, p. 24) questiona: “O próprio corpo não estaria envolvido no véu das representações?”, e como seria a representação de o corpo de um(a) ginasta? Para a Ginástica Artística seria um corpo com grande força muscular, peso e baixa estatura (FERREIRA FILHO et al., 2006), para a Ginástica Rítmica um corpo feminino, com beleza, estética e graça (CORAT; ALMEIDA, 2012), para a Ginástica Acrobática um corpo forte e flexível, embora não haja uma pressão para a manutenção de baixo peso (MERIDA, NISTA-PICCOLO, MERIDA, 2008). E, da mesma forma, se analisarmos as outras modalidades competitivas, há um certo tipo de ‘corpo’ que se espera para a prática daquela modalidade.

Em contrapartida, a prática da GPT, a partir do referencial adotado (PEREZ GALLARDO; SOUZA, 1996), em sua essência, não exige um tipo de corpo específico, o que potencializaria a participação de pessoas de diferentes biotipos nessa prática. De certo modo, essas características particulares ampliam as

possibilidades dessa modalidade, oportunizando uma maior inclusão de todas as pessoas.

Contudo, esse corpo não está só, não é isolado das diversas dimensões da vida. A partir de uma proposição democrática, onde todos podem elencar e até mesmo potencializar suas experiências, esse corpo se relaciona com o contexto social, com a história de vida de cada participante – alguns são ex-atletas, outros, nunca experimentaram a prática de um elemento da ginástica (como rolamento, estrelinha, parada de mãos, etc.), com a realidade local e com a conjuntura global. Nesta situação: “O corpo não é uma natureza incontestável objetivada imutavelmente pelo conjunto das comunidades humanas, dada imediatamente ao observador que pode fazê-la funcionar como num exercício do sociólogo” (LE BRETON, 2010, p. 24).

O significado desse corpo, em uma prática democrática não é consensual. A expressão de suas marcas é definida pelo tempo, pelo todo, pelas realidades do corpo individual e de um corpo inserido em um coletivo, totalmente contestável a partir do exercício de observação de determinado ponto da história daquele indivíduo. Desse modo: “Respeitar as características sociais e individuais é, no limite, considerar a aura estética de cada corpo, sua identidade, contradições e história; construto identitário a não ser idealizado, repetido, mimetizado, banalizado”. (BAPTISTA; ZANOLLA, 2016, p. 1009).

## **A DEFINIÇÃO DOS APARELHOS: METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada a partir dos procedimentos de uma pesquisa exploratória, a qual, segundo Gil (2008, p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no



planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas.

Esta pesquisa foi escolhida em decorrência do fato de que ainda existem poucos dados sobre os grupos de GPT no Brasil, além de estas informações serem ainda mais reduzidas, tratando-se da região central do país. Ademais, considera-se que este é um primeiro passo para se verticalizar fenômenos sobre os grupos de ginástica universitários, como é o caso do Cignus. E ainda:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008, p. 27).

O estudo foi realizado com participantes de GPT no Grupo Cignus, fossem as pessoas, antigos integrantes, ou ginastas da atualidade, sendo que os mesmos deveriam ter participado do grupo em algum momento, de 2010 – data da criação do grupo – até 2019. O levantamento foi realizado com 36 membros atuais e ex-integrantes, contudo, uma das pessoas não autorizou a análise de seus comentários, totalizando a resposta de 35 participantes com idade superior a 18 anos, no período de 26 de outubro a 05 de novembro de 2019.

Para a realização da presente pesquisa, integrantes e ex-integrantes foram contatados via rede social (whatsapp e/ou facebook), solicitando que os mesmos acessassem o link disponibilizado e, respondessem às questões propostas.

A coleta dos dados foi feita a partir da aplicação de um questionário auto-aplicado por meio do Google Forms, especialmente elaborado para esta pesquisa. O questionário é uma

[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de

obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto-aplicados (GIL, 2008, p. 121).

Esta pesquisa foi realizada a partir da proposta dos Direitos dos Participantes de Pesquisa com Seres Humanos de acordo com a Resolução de Helsinque de 1952. Foram garantidos a todos os participantes o direito à confidencialidade, privacidade, anonimidade, sendo possível retirar o seu consentimento a qualquer momento. Para que os participantes tivessem acesso ao questionário, era necessária a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual, além das garantias mencionadas anteriormente, indicava-se os objetivos, além dos possíveis riscos e benefícios da participação no estudo.

Ao todo, entre os 35 participantes, demonstrou-se uma maior participação feminina (26 mulheres), correspondendo a 74,3% e, nove homens, 25,7% do total de participantes. Para a análise dos dados, adotou-se uma análise quanti-qualitativa, com base nas propostas de Gamboa (2012).

## O MANEJO: RESULTADOS E DISCUSSÕES

A organização sistemática inicial do Grupo Cignus ocorreu ainda no ano de 2010 a partir da vivência que um grupo de acadêmicos teve em um Fórum Internacional de Ginástica para Todos promovido pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) em Campinas-SP (OLIVEIRA et al., 2016). A priori os autores apresentam que o grupo era composto apenas por jovens acadêmicos e, a partir de 2015, o grupo passou a ser dividido em dois: o primeiro aberto para crianças, adolescentes, jovens e adultos e o segundo para idosos.

Uma década de trabalho sistematizado, de um grupo de GPT, na região Centro-Oeste do



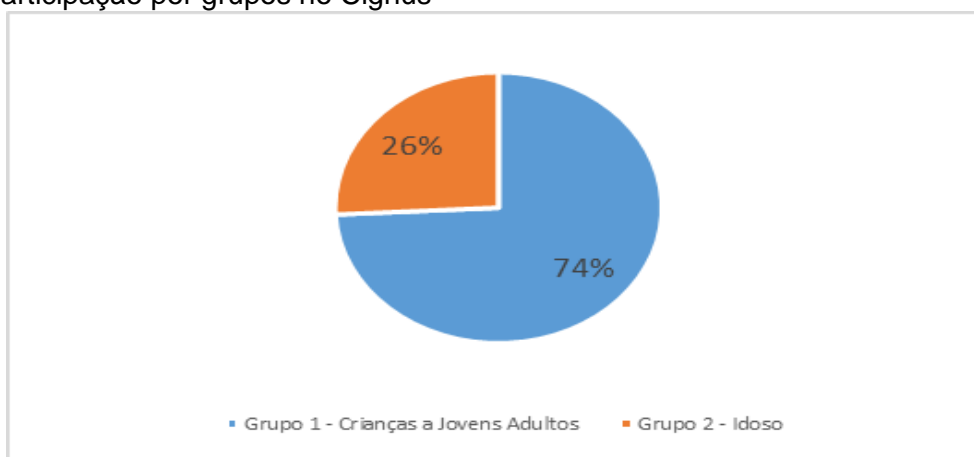
Brasil, instigam-nos a diversas reflexões quanto à prática, assim como em relação ao corpo daqueles que se dispuseram a participar dessa modalidade. A pluralidade de pessoas na relação com os seus corpos, os corpos de outras pessoas e com a natureza, proporcionaram diversas experimentações durante as práticas corporais, onde os participantes puderam realizar trocas de conhecimentos e experiências.

Para a realização da presente pesquisa, os participantes responderam às questões propostas. Dentre essas perguntas, solicitamos que os

mesmos identificassem em qual período participou do grupo – entre 2010 e 2019.

Ao todo, da amostra total, 26% correspondem ao grupo de idosas e os outros 74% ao grupo de jovens (Gráfico 1). Salientamos que, o grupo de idosas teve início em 2015 e neste ocorre maior adesão e permanência, ao contrário do grupo de jovens que, assim como outros grupos universitários, possui como uma das características a rotatividade de pessoas (REIS et al., 2017).

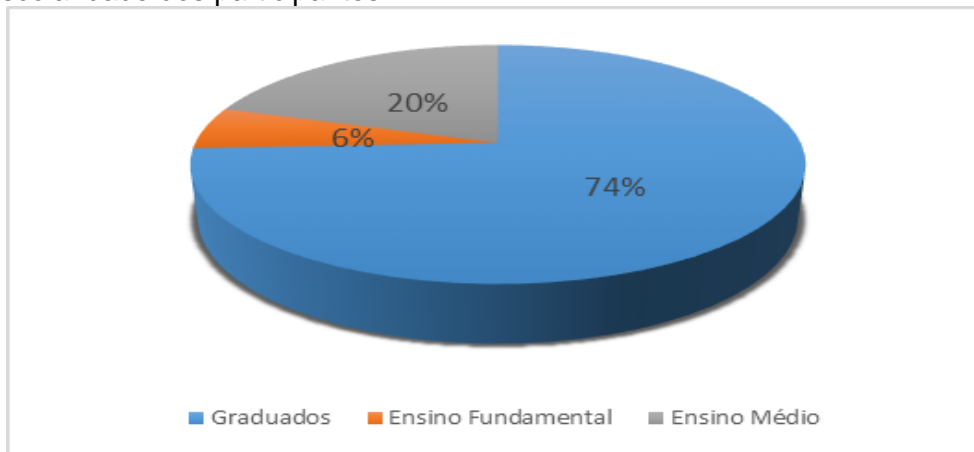
**Gráfico 1** – Participação por grupos no Cignus



**Fonte:** construção dos autores.

Com relação à escolaridade, 74% são graduados, 20% possuem o Ensino Médio e, apenas 6% possuem apenas o Ensino Fundamental. Dos graduados, 62% possuem apenas a graduação, 19% fizeram algum tipo de especialização (lato sensu), 15% mestrado (stricto sensu) e 4% doutorado/ pós-doutorado

(Gráfico 2). Além da escolaridade, outro ponto importante é a faixa etária das pessoas participantes. A média de idade é de  $39,4 \pm 18,9$  anos, sendo que os participantes mais novos tinham 22 anos e, a mais velha, estava com 75 anos no período de coleta de dados.

**Gráfico 2 – Escolaridade dos participantes**

**Fonte:** construção dos autores.

Este gráfico (gráfico 2) demonstra a heterogeneidade da escolaridade das pessoas que participam do grupo. Também é possível inferir que o tempo de estudo não é um problema para a participação no grupo e, ademais, o fato de essas pessoas, sobretudo, aquelas que têm menor escolaridade, participarem do grupo, apresenta a relevância da universidade para a comunidade.

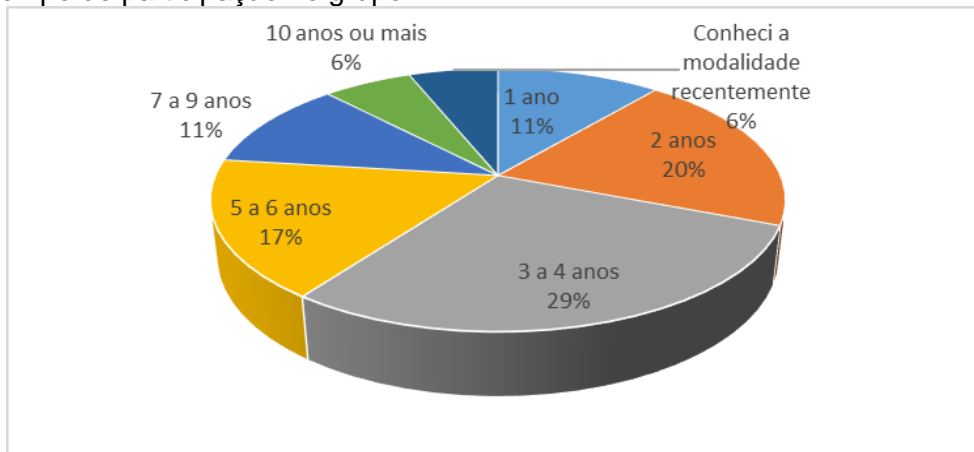
Quando questionados sobre como conheceram a GPT e sobre sua inserção no grupo, cerca de 90% dos entrevistados apontaram que não conheciam a prática antes de ter contato com a mesma por meio da Universidade, o que corrobora com os estudos de Toledo (2005) quanto ao importante papel das universidades na difusão e propagação da GPT no Brasil. Sobre o conceito de GPT, as respostas permeiam três grupos: 1) os que conceituam como uma prática democrática e inclusiva; 2) os que conceituam como algo fundamental para saúde e para a memória; 3) aqueles que conceituam como uma prática social, fundamental para a vida, para alegria e círculos de amizade. Entre estes três grandes grupos de respostas, a concepção relacionada com a democracia e a participação se aproxima do que foi tratado por Oliveira e colaboradores (2017), tendo também aproximações com a compreensão da FIG. A relação com a saúde e a memória é

algo a ser mais bem explorado em outros estudos.

Pode-se identificar essa concepção na resposta de um dos participantes:

Ginástica Para Todos mesmo que o nome seja sugestivo, propõe pensarmos na ginástica para além da alta performance. É enxergar o outro, sensivelmente, que tem limitações físicas, intelectuais, psíquicas, aqueles que compõem a terceira idade em uma performance que traz técnicas adaptadas para os desejos e necessidades de cada indivíduo. É realmente PARA TODOS, mostrando ao mundo como a integração social é possível de acontecer se nos permitirmos aceitar que podemos fazer acontecer de acordo com a individualidade de cada ser humano (Entrevistado L).

Com relação ao tempo de exercício da GPT, 31% praticam há menos de dois anos; 29% praticam entre 3 e 4 anos; 17% há 5 ou 6 anos e; 11% entre 7 e 9 anos. Apenas 6% praticam há 10 anos ou mais e 6% conheceram a modalidade tem pouco tempo (Gráfico 3). O que nos permite inferir que, esse é um grupo jovem, porém com trajetória consolidada e com relativa permanência entre os integrantes.

**Gráfico 3 – Tempo de participação no grupo**

**Fonte:** construção dos autores.

Ao serem questionados sobre a percepção do corpo antes de iniciar a prática da GPT, os relatos são das mais diversas ordens: desde a ideia de um corpo pesado, tenso, não aceito, a um corpo performático de acordo com alguma das modalidades competitivas, como por exemplo, a Ginástica Artística. Apenas dois dos entrevistados relatam que não perceberam diferença ou que se viam ‘normal’. Mas, o que seria o ‘normal’? Canguilhem (2012, p. 169) adverte que “[...] com frequência notou-se a ambiguidade do termo normal que designa ora um fato capaz de descrição por recenseamento estatístico [...] ora um ideal, princípio positivo de apreciação no sentido de protótipo ou de forma perfeita”.

Ao se afirmar normal, estaria esse participante dentro das normas impostas pelo princípio capitalista ao qual outro participante se refere

Não havia reflexões acerca da percepção do corpo. Todas as análises eram com base na ideia de corpo padrão estabelecida pelo sistema capitalista. (Entrevistado R).

Essa reflexão feita após o início da participação na GPT, apresenta uma relação com a perspectiva apresentada em Marx (2010), pois, mesmo que a discussão do filósofo alemão não remeta diretamente ao modo de produção capitalista, para o autor, a natureza é histórica, o que significa que está submetida às condições objetivas de atendimento das necessidades

humanas e à organização social da produção. Na atual particularidade histórica, a natureza se submete à lógica do modo de produção capitalista, o que determina, não apenas a produção e o consumo, como a própria vida, as concepções das pessoas e sua compreensão de consumo, ou seja, forma também o consumidor.

Predominantemente, percebemos um grupo composto por uma grande maioria que percebe seu corpo fora ‘do eixo’, pesado, tenso, sem flexibilidade, sem consciência corporal, limitado, cansado. Os entrevistados também foram questionados sobre como percebiam seu corpo enquanto praticavam a GPT, do total de entrevistados, 74% apresentaram relatos conexos única e exclusivamente ao corpo biológico individual, relatando a melhora na flexibilidade, na expressão corporal, na agilidade, na resistência, na coordenação motora, no vigor. Alguns chegam a assinalar que o corpo

[...] não estava no padrão para a prática. (Entrevistado L).

Isso indica que tal concepção se aproxima muito da que é apresentada por Comte (1978), o qual entende o corpo em seus limites físicos. Entretanto, um percentual de 26% dos entrevistados aponta um corpo individual com significado no coletivo.

Um corpo que precisa dos demais (pessoas do grupo) para compor a coreografia, utilizando a criação de materiais alternativos ou não, para uma coreografia. Não imaginava que iria





aprender a fazer Estrelinha, rolamentos, parada de mãos. Hoje é um Corpo que consegue sustentar outro corpo (outra pessoa). E não imaginava fazer essas coisas, depois que comecei a praticar a GPT. (Entrevistado M).

O corpo como membro de um coletivo foi lembrado por parte do grupo, apontando que, a possibilidade de existir em harmonia com seu próprio corpo, com o corpo do outro e com um determinado contexto. Esta compreensão tende a se aproximar do que Merleau-Ponty (2011) apresenta, considerando que o corpo é o meio (veículo) de conhecimento sobre o mundo, ou seja, as outras pessoas, os materiais, o tempo e o espaço, assim como, estes também permitem que a pessoa conheça a si mesma, ao corpo que é.

As composições coreográficas, foram lembradas enquanto potenciais espaços para essa construção de concepção de corpo e movimento, de ruptura com aquilo que estava posto, assim como superação de limites individuais. Além disso, relatam que se movem de acordo com as regras do grupo, ou seja, ainda que aquele corpo tenha questões individuais, o coletivo o absorve, o modifica, o instiga, é o conhecimento de si, a partir das relações intersubjetivas encontradas na perspectiva da Fenomenologia.

Ao serem questionados se identificavam mudanças na capacidade física após iniciarem a prática de GPT, 9% dos entrevistados disseram

que não identificavam nenhum tipo de mudança na capacidade física, os outros 91% abalizaram melhoras na flexibilidade, força, elasticidade, habilidades, posturas, qualidade de vida, resistência, equilíbrio, disposição, memória, coordenação motora (Gráfico 4). Tal compreensão sobre as habilidades físicas também apresentam uma relação com a consciência corporal e com a ressignificação desses corpos em meio ao seu meio de existência.

Destacamos ainda, duas falas de entrevistados que não tratam apenas da questão biológica, a primeira aponta a questão social

[...] minha auto estima [sic!] melhorou fiquei mais sociável” (Entrevistada T).

E, a segunda, lembra das apresentações de coreografias e da necessidade de condicionamento físico para a realização destas:

Participar do grupo faz com que olhemos também outras necessidades [...] como participar de uma apresentação de 5 minutos sem morrer? É um estímulo para buscar condicionamento físico, mas, externamente à prática” (Entrevistada M).

Sugere-se que, o entrevistado buscou para além da prática da GPT uma nova prática corporal, com finalidade de desenvolver o seu condicionamento físico.

**Gráfico 4 – Relato Melhora na Capacidade Física**



**Fonte:** construção dos autores.

Na questão social, quando questionados se houveram mudanças nas relações sociais a partir da prática da GPT, 24% dos participantes citam

que não houveram alterações nas suas relações sociais. O Entrevistado B, afirma que “Não. Participar de um grupo representa, para mim, a



condição de ser eu mesma defendendo aquilo que acredito. E foi assim quando participei do grupo Cignus de GPT”, por outro lado, 76% destacam aspectos como confiança, maior contato pessoal e profissional, o respeito às diferenças. Chama nossa atenção que vários entrevistados tocaram no mote da “paciência”, relatando que fazer parte de um grupo exige

diferentes tipos de paciência: com as personalidades, com os limites corporais, temporais, etc. O entrevistado M distingue que “[...] a GPT trouxe muitas pessoas queridas e de excelente convivência. É um grupo que um cuida do outro [...] parece inclusive família (até nas brigas)”, ou seja, trata-se de um espaço onde também há contraposições, debates e discussões.

**Gráfico 5** – Mudanças nas relações pessoais



**Fonte:** construção dos autores.

Coeso com a questão anterior, quando questionados “Você acredita que a GPT alterou a sua relação com você mesma e com as outras pessoas? Como?” 24% responderam que não, os outros 76% afirmaram que sim, relatando, por exemplo, a melhoria na capacidade de resolução dos problemas, melhoras na autoestima, na autoconfiança, na paciência consigo e com o próximo, na compreensão dos seus limites individuais, assim como, na superação dos mesmos, na empatia (Gráfico 5). A *entrevistada L* menciona os estereótipos apontados anteriormente:

Comigo mesma, não sei se com outras pessoas. É saber que posso participar de uma modalidade que é cheia de estigmas, estereótipos, e que posso apresentar algo bonito, mesmo não tendo idade ou habilidade física o suficiente.

O participante *W* menciona as experiências vividas pelo coletivo, quando participam de eventos/ festivais:

Nesses eventos que participamos presenciamos muitas apresentações e vemos que somos capazes também.

Tal como o manejo dos aparelhos, podemos fazer uma analogia dessa ação com a compreensão dos participantes do grupo Cignus com os corpos individuais e coletivos. Um novo domínio, controle, conduções, entre outros. Uma ressignificação sobre os corpos a partir de diálogos, vivências e experimentações influenciam a concepção do eu, em uma forma de interagir com o outro, com o contexto social mais amplo e com o meio ambiente. Não obstante, podemos perceber por meio dos relatos, as melhoras não somente nas dimensões biológicas, mas nas em ganhos significativos nas perspectivas socioculturais, permitindo compreender os corpos que essas pessoas são.

## **A POSE FINAL: PARTINDO PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Pensar o corpo, em sua multiplicidade é discutir relações sociais complexas, as quais podem alterar as afinidades de cada ser consigo mesmo. Em busca dos processos de autonomia e emancipação, é possível se procurar práticas corporais que respeitem as características de cada pessoa de acordo com o sexo, a etnia, a idade, bem como, as diferentes integrações sociais.

Ao se olhar para o modelo de corpo presente na sociedade como funcional, belo e saudável, demonstrado também pelas diferentes modalidades de ginástica, é possível identificar uma certa semelhança nas características nas competições em relação aos corpos, não havendo na maioria dos casos, divergência em relação aos padrões corporais determinados pela sociedade e disseminados pela indústria cultural.

A pesquisa realizada com o Grupo Cignus, ainda que em uma apreciação inicial e que

demanda maiores aprofundamentos e análises, permite identificar que, por um lado, ocorreram mudanças, embora, estas não sejam consensuais. Ou seja, não se pode também idealizar a GPT como a panaceia para todos os males. Entretanto, existem componentes importantes a serem discutidos, entre eles, a possibilidade de autonomia e emancipação do corpo, da corporalidade e da realização de práticas corporais.

Por fim, é importante destacar uma palavra que parece fundamental: experiência, no sentido proposto por Walter Benjamin (BENJAMIN, 2011), afinal, é na experiência que se constitui a possibilidade de se compreender a relação do ser humano com a natureza/cultura, a partir da síntese corpo da consciência/consciência do corpo (BAPTISTA, 2013).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **O corpo na sociedade do capital**. Curitiba, PR: Appris, 2013.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro; ZANOLLA, Sílvia Rosa da Silva. Corpo, estética e ideologia: um diálogo com a ideia de beleza natural. **Movimento**, v. 22, p. 999-1010, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**. 7. ed. 11. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- CORAT, L.; ALMEIDA, M. A. B. Análise da concepção de corpo na ginástica rítmica: um estudo dos manuais de 1932 a 1958. **Record**, v. 5, n. 1, p. 1-26, jun., 2012.
- FERREIRA FILHO, Raul Alves; NUNOMURA, Myrian; TSUKAMOTO, Marian Harumi Cruz. Ginástica artística e estatura: mitos e verdades na sociedade brasileira. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 5, n. 2, p. 21-31, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- IWAMOTO, Thiago Camargo e colaboradores. Ginástica para todos e as possibilidades de materiais adaptados e alternativos para a prática pedagógica e construção coreográfica. In: OLIVEIRA, Michele Ferreira de; TOLEDO, Eliana (Org.). **Ginástica para Todos: possibilidades de formação e intervenção**. Anápolis, GO: EdUEG, 2016, p. 201-223.



LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 4. reimp. São Paulo: Boitempo, 2010.

MERIDA, Fernanda; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MERIDA, Marcos. Redescobrimo a ginástica acrobática. **Movimento**, v. 14, n. 2, p. 155-180, mai./ ago., 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomeologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

OLIVEIRA, Michele Ferreira de e colaboradores. Entre a técnica e ação pedagógica em GPT. **Conexões**, v. 15, n. 4, p. 465-485, 28 dez., 2017.

PEREZ GALLARDO, Jorge Sergio; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de; La experiencia del Grupo Ginastico Unicamp en Dinamarca. CONGRESSO LATINO-AMERICANO/ICHPERSD, I. **Anais...**, Foz do Iguaçu, PR, 1996.

REIS, Deisiane Maria Ferreira dos e colaboradores. Perfil dos integrantes de um grupo de ginástica para todos: um estudo sobre o grupo de ginástica de Diamantina. Congresso de Ginástica para Todos, 7. **Anais...**, Goiânia, GO, 2017.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2. ed. Chapecó, SC: Argos, 2012.

TOLEDO, Eliana de. O papel da universidade no desenvolvimento da ginástica geral no Brasil. In: AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de (Orgs.). FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 3. **Anais...**, Campinas, SP, 2005.

TOLEDO, Eliana de; TSUKAMOTO, Marumi Harumi Cruz; GOUVEIA, Carlos Ramos. Fundamentos da ginástica geral. In: NUNOMORA, Myriam; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz (Orgs.). **Fundamentos das ginásticas**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

Dados da autora:

Email: lohanynascimento@gmail.com

Endereço: Av. Roma, 50, apto. 103, torre II, Condomínio Esmeralda, Goiânia, GO, CEP: 74340-630, Brasil

Recebido em: 02/02/2020

Aprovado em: 17/03/2020

Como citar este artigo:

GOMES, Lohany Cristina do Nascimento e colaboradores. O corpo a partir da ginástica para todos: primeiros debates com o Grupo Cignus. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 01, p. 83-94, jan./ abr., 2020.